



UMA NOVA PERSPECTIVA: DO 'TALHÃO' AO 'TALHER'

É evidente que o debate sobre sustentabilidade na produção dos gêneros agropecuários vem se intensificando, motivado por pressões regulatórias e/ou exigências de mercado e, sobretudo, pela necessidade de mitigar as mudanças climáticas globais.

A soja e outros insumos (café, cacau, madeira, borracha, carne bovina, etc.) foram posicionados no epicentro dessas narrativas, por conta do enviesado juízo dos protecionistas e dos ambientalistas mais radicais, à exemplo da Lei de Desmatamento da União Europeia/EUDR, que enquadrou o Brasil como país fornecedor de “risco médio”, considerando diversos fatores, dentre os quais, a conversão de florestas e pastagens em terras cultiváveis, o nível de expansão de terras agrícolas, o uso de fertilizantes nitrogenados e de combustíveis fósseis.

No caso dos produtos animais, a medida da pegada de carbono costuma mirar nas emissões diretas dos alojamentos/confinamentos, transporte e processo, sendo que boa parte das emissões está vinculada à oleaginosa mencionada anteriormente. A regionalização e a precisão da metodologia de cálculo aplicada são determinantes para desmistificação e mensuração do real impacto sobre a cadeia produtiva das proteínas animais, já que o farelo de soja (extrato sólido resultante da extração do óleo) é bastante utilizado na alimentação de aves, suínos e ruminantes.

À propósito, a Embrapa conta com ferramenta (denominada *Brazilian Land Use Change/BRLUC*) que estima as emissões provenientes da mudança do uso da terra e que é capaz de diferenciar claramente os impactos da conversão de florestas (altos esto-

ques de carbono) das áreas de pastagem degradada (estoques menores).

Esse robusto inventário com acurada geolocalização permitiu que outra plataforma automatizasse o cálculo das emissões, a rastreabilidade e o monitoramento ambiental, desde a produção (talhão) até o consumidor final (talher) e integrasse dados em tempo real sobre uso da terra e cadeias de valor, concluindo que dependendo do município de origem, a pegada de carbono pode variar de menos de 0,1kg até mais de 18kg Co2 equivalente/quilo de soja produzida.

Além disso, a substituição das estimativas genéricas (*World Food Life Cycle Assessment Database/WFLDB*) por dados refinados (*Brazilian Land Use Change/BRLUC*) revelou que a pegada de carbono associada à soja brasileira utilizada na produção do frango produzido e consumido em determinada região europeia diminuiu cerca de 35%.

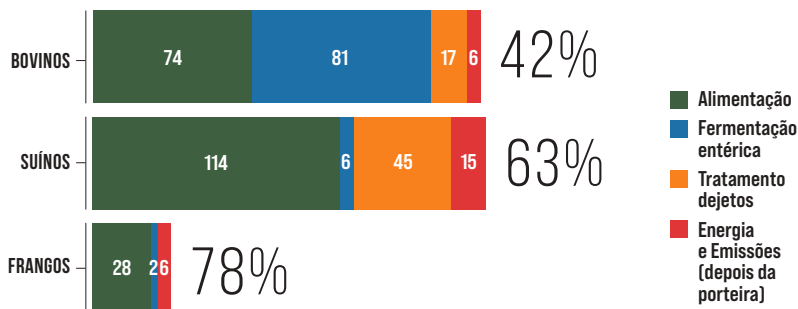
O surpreendente achado serviu para evidenciar uma realidade menos impactante do que sugerem os

bancos de dados tradicionais e, sobretudo, reforçar a importância de considerar a pegada de carbono incorporada ao longo da cadeia global e não apenas as emissões diretas associadas ao sistema produtivo local.

O *Greenhouse Gas Protocol/GHG* exige que as conversões de áreas de cerrado e pastagens sejam contabilizadas, contudo, a percepção é que a determinação venha sendo negligenciada nas avaliações tradicionais, apesar das suas indispensáveis contribuições em razão do sequestro de carbono. Portanto, integrá-las nas análises da pegada de carbono é fundamental para refletir com maior precisão o real impacto ambiental.

A soja estabelece um elo estratégico que conecta o campo (talhão) ao consumidor (talher). Medir, compreender e gerenciar sua pegada de carbono com rigor e responsabilidade é imperativo para garantir a competitividade do Brasil e sua colaboração efetiva para um sistema alimentar sustentável e de baixo impacto ambiental. ■

EMISSÕES TOTAIS DE GEE RELACIONADAS À PRODUÇÃO DE CARNES (MILHÕES TONS CO2-EQUIVALENTE)



Fonte: FAO; European Commission, 2023, Adaptado IIFE/International Feed Industry Federation